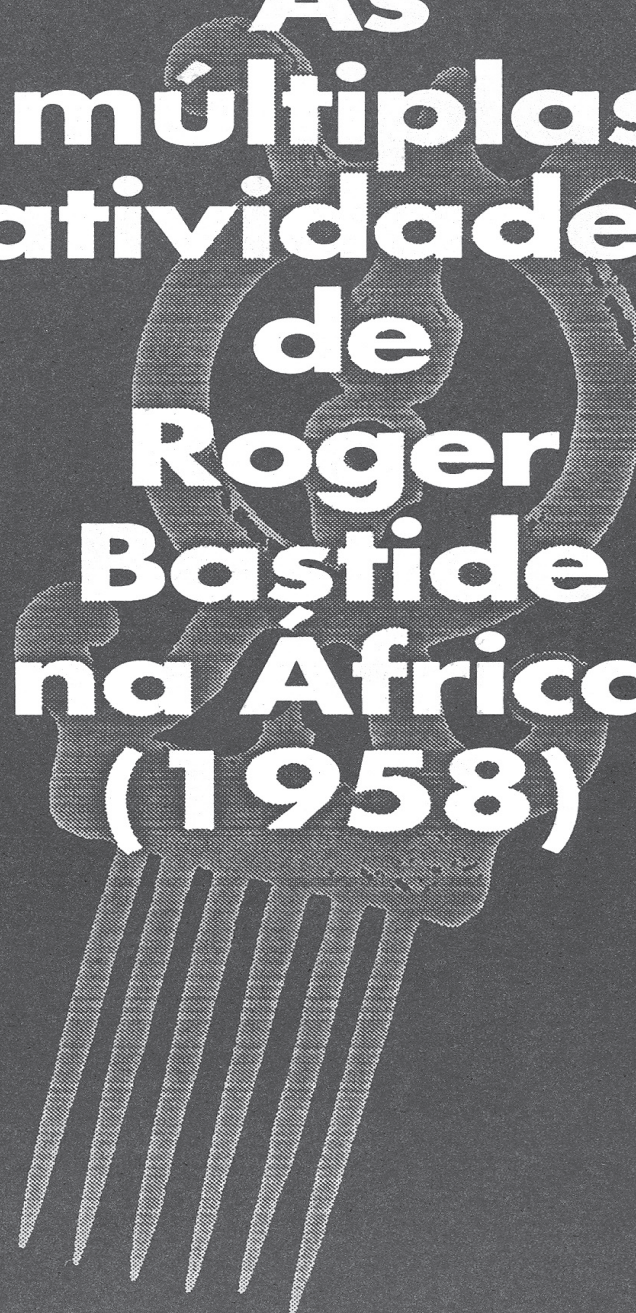




PIERRE VERGER

**As
múltiplas
atividades
de
Roger
Bastide
na África
(1958)**



Foi Roger Bastide quem me revelou a África no Brasil, ou, mais exatamente, a influência da África na região Nordeste desse país.

Meu primeiro encontro com ele se deu em São Paulo. Ele se interessou por minhas atividades de fotógrafo itinerante voltado para a etnografia.

Ele me aconselhou vivamente a ir à Bahia, região sobre a qual o livro *Jubiabá* de Jorge Amado me havia dado uma primeira visão. Bastide havia ido a essa região e escrevera uma excelente obra intitulada *Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto* que iria me servir de guia na região. Ele me confiou um certo número de cartas de apresentação para os seus amigos da Bahia.

Isto se passou em 1946. Tive o privilégio, doze anos mais tarde, de lhe mostrar, em contrapartida, a influência do Brasil no Daomé e na Nigéria.

Bastide já havia estado diversas vezes na África participando de colóquios e congressos, mas lá ele se encontrara com numerosos africanistas e poucos africanos. Ele nutria maior curiosidade por esses últimos, mas as passagens de caráter cultural, demasiado rápidas, não lhe tinham permitido satisfazê-la.

A estada de Bastide no Daomé (atualmente República do Benin) e na Nigéria ocorreu, sejam precisos, entre o domingo, 13 de julho de 1958, às 10h30 e a segunda-feira, 22 de setembro, às 17h, dias e horas da chegada e da partida dos aviões que o transportaram, ou seja, 72 dias, ao longo dos quais ele cumpriu um programa dos mais intensos, muito representativo da multiplicidade das questões que atraíam sua atenção.

A sorte quis que ele pudesse assistir a inúmeras cerimônias, tanto africanas, origens daquelas que ele pudera observar no Brasil, quanto brasileiras, importadas no século precedente pelos antigos escravos libertos que retornaram ao seu lugar de origem.

Bastide infelizmente não publicou livro dando o conjunto das impressões experimentadas por ele ao longo de sua estada no Golfo do Benin, mas felizmente conservei a cópia dos textos de alguns artigos que, acompanhados de minhas fotos, tinham sido enviados à revista brasileira para a qual eu trabalhei muitos

anos... e que, *hélas*, não os publicou todos.

Isso me permite ceder de vez em quando a palavra a Bastide para que conheçam o que ele tinha a nos comunicar.

"A 'Burrinha' de Uidá (Roger Bastide)

Aqueles que viveram no Brasil não podem esquecer o país. Eles o procuram por toda parte. É esta vontade de encontrar o Brasil que me levou, nessas férias, para Uidá, Porto Novo e Lagos, a ver esse Brasil importado para terra da África pelos descendentes dos antigos escravos que retornaram ao país ancestral, mas lá retornaram com a religião, a língua e os costumes do Brasil. No dia mesmo em que eu desci do avião, sem ter tempo de arrumar minha mala, de me instalar, Verger me arrastou a Uidá para assistir a uma 'Burrinha' bem saborosamente brasileira.

Os brasileiros negros mantinham na África as grandes festas do Brasil, a 'Burrinha', a Festa do 'Sr. do Bonfim', os 'Sambas', ao mesmo tempo que os valores da cultura brasileira.

A festa à qual eu assisti não é outra que o 'Bumba Meu Boi', mas, no Daomé, ela se celebrava também e, talvez sobretudo, como na Bahia antigamente, durante o ciclo de Natal, particularmente no dia da Epifania. Ora, no Natal, o pequeno Jesus, que acabava de nascer no estábulo, dormia sobre a palha, ao lado de um boi e de um burro. É por isso que em Uidá, como em Porto Novo, o nome da festa não era mais 'o Boi', mas 'a Burrinha'. São os mesmos instrumentos de música que no Brasil, tambores e pandeiros quadrados, que ritmavam os cantos em língua portuguesa.

Existem 'Associações de Brasileiros' que preparam muito tempo antes a festa, confeccionam as máscaras, repetem as canções (marchas ou sambas), para dar a esta mascarada, que atrai tanta gente, o maior esplendor possível. Admirável fidelidade ao Brasil: desejo de que a população nativa admirasse o país que foi a segunda pátria de seus pais ou de seus avós. Entretanto, um certo número de transformações se operaram. Do

PIERRE VERGER é etnólogo, fotógrafo e historiador. Autor de, entre outros, *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos - séc.XVII ao XIX* (Editora Corrupio) e *Orixás* (Ed. Corrupio).

Tradução de MARIA DA GLÓRIA P. KOK



'Bumba Meu Boi' só resta o desfile dos animais, a dança do Boi e as evoluções do Cavalo Marinho. A parte teatral, quer dizer, a morte e a ressurreição do Boi, desapareceu, porque os escravos não participavam da festa, eles não tinham aprendido os papéis, eles tinham permanecido espectadores. Portanto eles transportaram do Brasil o que os havia impressionado mais. As figuras se tornaram maiores, mais monumentais do que no Brasil: o Boi perdeu sua veste mosqueada para tomar o aspecto das cerâmicas de Pernambuco, seu corpo coberto de estrelas. Não vi em Uidá a Ema, que dança em Porto Novo. Mas o Boi é sempre conduzido por um Pai João que dirige suas evoluções e se reveste das roupas dos vaqueiros do norte do Daomé. Era um dançarino bastante notável, sob seu enorme chapéu de palha, piruetando, e alguns dos seus passos lembram os do Frevo. O Boi vem de um lado, o Cavalo Marinho de outro, com seus grupos de cantores e dançarinos. Cristãos, muçulmanos, fetichistas, todas as etnias, todas as religiões, rodeando, aclamando o Boi que gira, o Cavalo Marinho que faz suas mesuras, e o coro dos sambistas que faz retinir acima da multidão a música da língua brasileira:

'Samba eu quero samba
Cajueira cajuá
Samba eu quero samba
Eu vou ver minha Sinhá'.

Esta festa terminou tarde da noite e foi somente na manhãzinha do dia seguinte que, depois de ter percorrido uma centena de quilômetros, chegamos a Porto Novo, cidade de Daomé, onde pude enfim abrir minhas malas e saborear uma refeição bem merecida."

OS BRASILEIROS NA ÁFRICA

Ao longo de sua estada na África, juntamente com Bastide, havíamos registrado todos os traços escritos que se encontravam ao nosso alcance, atestando a presença dos "brasileiros" retornados à África e de seus descendentes: livros de batismos da capela do "For-

te Português" de Uidá e da pequena igreja em Agoué, registros de casamentos, primeiras comunhões e crismas; inventário nos cemitérios dos epitáfios inscritos nos túmulos; passeios nas ruas dos velhos bairros para lá contemplar os "sobrados", casas com andares, construídas pelos antigos escravos libertos de retorno ao país natal, no modelo daquelas em que viviam antigamente seus senhores de além-mar, caracterizadas pelas janelas demarcadas de bordas em estuque branco destacando-se sobre as fachadas coloridas e acrescidas de balcões de ferro forjado trazidos do Brasil.

Roger Bastide publicou na *Revista de Ethnografia* nº 31, do Porto, um artigo de oito páginas intitulado "O Leão do Brasil Atravessa o Atlântico", onde mostra que o escravo africano no Brasil vivia em modestas casas de barro seco com cobertura de palha (chamadas de mocambo) enquanto que os senhores brancos viviam em luxuosas casas com andares (os sobrados).

De volta à África os antigos escravos libertos mantiveram essa posição de conforto e riqueza aparente. Mas, ao contrário do que se passava no Brasil, são eles que vivem nesse edifício confortável enquanto os africanos que permaneceram no país natal habitam casas mais modestas Bastide mostra nesse artigo que o portal do Sobrado do Senhor Branco no Brasil é freqüentemente flanqueado ou encimado por estátuas de leões, motivos decorativos africanos, e que esses mesmos leões de pedra atravessaram novamente o oceano em sentido oposto, retornando a seu país de origem, estilizados, transformados, pela sua passagem além-mar, à maneira dos africanos que fizeram, eles também, essa viagem de ida e volta.

Nesse mesmo artigo Bastide nota que "os muçulmanos retornando a seu país natal lá construíram suas mesquitas segundo o modelo das igrejas barrocas da Bahia com seus grandes frontões"... e seus minaretes em forma de campanários.

CERIMÔNIAS RELIGIOSAS AFRICANAS

O motivo principal que levara Bastide ao Brasil era assistir a algumas cerimônias religiosas feitas para os deu-

ses que atravessaram o Atlântico e se perpetuaram em seu novo habitat.

Ele publicou nessa revista do Museu do Porto, já citada anteriormente, um artigo de 24 páginas sobre “Uma Festa dos Inhames Novos em Pobé” (no Daomé).

Al Bastide nos explica que “essa festa foi celebrada por ocasião dos primeiros inhames. Ninguém pode provar os frutos da nova colheita antes que se tenha efetuado sacrifícios. Trata-se de uma festa de dessacralização da colheita, com vista a torná-la consumível - mas ao mesmo tempo de um sacrifício de ação de graças, pois essa dessacralização só pode se dar pela oferenda de primícias às divindades que a protegeram e tornaram-na possível. É somente depois dos deuses terem comido os primeiros inhames novos que o comum dos mortais poderá se alimentar, por sua vez, impunemente”.

Bastide aborda nesse artigo uma série de problemas estruturais que não seria pertinente resumir aqui.

Para a festa de Oxum - deusa da água doce - encontrei um texto de Bastide para uma reportagem não publicada do qual eis alguns trechos:

“Todos os brasileiros conhecem a ‘Festa do Presente a Iemanjá’, que atrai a cada ano, na praia do Rio Vermelho, não apenas os baianos, mas também os turistas de todo o Brasil e numerosos estrangeiros. É, certamente, pela sua beleza, esta festa merece o renome que adquiriu. Talvez seja menos conhecida, fora da Bahia, a procissão que cada ano, a 29 de junho, se faz do Terreiro de Joana de Ogum até o Dique, para levar a Oxum, deusa do amor e da água doce, um cesto de flores, de espelhos, de perfumaria. É por isso que fui ver, em Oxogbo, o templo de Oxum e o rio do mesmo nome, para levar à deusa a homenagem de um brasileiro adotivo. E ali cheguei justamente no momento em que lá se celebrava a festa do ‘presente’ a Oxum, quer dizer, equivalente africano da procissão brasileira de minha amiga Joana de Ogum.”

Bastide descreve em seguida a cerimônia anual à qual havíamos assistido, confirmando certos textos por mim pu-

blicados a respeito do caráter de reatualização periódica, durante essa festa, de eventos antigos, recordando que um ancestral do atual rei fez um pacto de aliança com a divindade que reside no rio Oxum para assegurar a prosperidade de seu povo:

“Durante esta cerimônia africana o rei, acompanhado de sua corte, vem se instalar em seu trono à sombra de uma grande árvore numa clareira vizinha ao rio Oxum, onde se ergue o templo da deusa. Todas as delegações vão vir, umas após as outras, e elas irão sucessivamente para o interior do templo prestar homenagem à deusa, e na clareira, para prestar homenagens ao rei que vinculou seu trono ao culto da divindade. É um espetáculo feérico, tudo dança, os reis dançam, as mulheres que os rodeiam dançam, os tocadores de tambor dançam, e fazem dançar seus tambores, suas baquetas, enquanto o cantor proclama os altos feitos dos Ataoja, glorificando sua linhagem. Uma após a outra, as delegações se sucedem, mas elas não param nunca de dançar, o que faz com que toda a clareira seja apenas um salto, uma ondulação, redemoinho de corpos, música de tambores, e parece mesmo que as árvores dançam, que seus galhos volteiam e o vento acrescenta à música dos tambores as loucas músicas dos galhos que se batem.

Finalmente, Ataoja se encaminhará, ele também, ao templo, se sentará sobre a pedra na qual seu ancestral se sentou e contraiu outrora a aliança com Oxum, ele a renovará por seu gesto, ele vinculará por ele e sua geração sua Realeza ao Rio, a fim de que os campos prosperem, os rebanhos se multipliquem e as mulheres estéreis engravidem.”

INICIAÇÃO DOS SACERDOTES DE XANGÔ

Um dos pontos culminantes dessa “viagem às fontes”, do culto dos deuses da África emigrados para o Brasil, foi o encontro de Bastide com os membros das sociedades que praticam o culto de Xangô na África. Isso em razão dos laços que foram estabelecidos no Brasil, entre ele e

DESENHO DE
CARLOS BASTOS,
EXTRAÍDO DO LIVRO
BAHIA DE TODOS OS
SANTOS DE JORGE
AMADO

esse deus,*pela nossa comum Mãe-de-Santo, Senhora da Bahia, que, embora consagrada ela mesma a Oxum, era uma descendente de quinta geração de uma africana importada ao Brasil como escrava e que trazia o prestigiado título de *Iyanasso*, a sacerdotisa que, no palácio (*afin*) do rei (*Alafin*) de Oyo, capital do reino dos iorubas, era encarregada do culto de Xangô, deus do trovão, que foi antigamente o terceiro rei dos iorubas.

Pelo fato de sua consagração ao culto de Xangô, Bastide tinha recebido na Bahia um colar de pérolas de vidro vermelhas e brancas alternadas, cores simbólicas de seu deus. Esse colar era considerado por Bastide como um "passaporte" que o creditava e o identificava como "filho de Xangô" junto aos seus correligionários africanos.

Isso, mais do que sábios discursos, serviu efetivamente de laço entre ele e diversas sociedades (*egbe*) formadas pelas pessoas dedicadas a Xangô em diversas aldeias da África.

Eu mesmo tivera, uns dez anos atrás, a oportunidade de estabelecer, pelo mesmo intermédio, relações cordiais e fraternais fundadas sobre as mesmas considerações com diversos "egbe Xangô" onde me apresentei.

Minha própria entrada em contato com eles tivera na época um caráter mais espetacular do que o desejado por mim. Eu havia me identificado em 1949 como sendo dedicado ao culto de Xangô no Brasil, mostrando meu colar-passaporte vermelho e branco. Admitido diante do altar do deus, eu pudera pronunciar algumas saudações tradicionais em ioruba, tais como são conhecidas na Bahia, e como os gestos esperados de mim tinham sido corretos eu fui favoravelmente acolhido.

Minha presença assídua e o conjunto de meu comportamento conveniente e "generoso" fizeram o restante para facilitar as coisas.

Pude até participar das oferendas dos primeiros inhames, desfilando e dançando no mercado com eles, um grosso tubérculo mantido em equilíbrio sobre minha cabeça. Isso me valeu o nome de *Xango wumi* ("Xangô me convém").

Bastide foi também admitido e recebido fraternalmente e recebeu o nome de *Aroselo malogbo*, que significa "aquele que possui um *oge* (machado duplo sim-

bólico de Xangô) não envelhece (permanece jovem)".

No texto não publicado de uma reportagem de Bastide sobre a iniciação dos sacerdotes de Xangô ele observa que foram realizados estudos no Brasil acerca da iniciação nos cultos originários da África e o interesse que há em se ampliar as pesquisas em seu lugar de origem. Ele indica que:

"Após o falecimento daquele ou daquela que era votado a esse deus, o deus tem necessidade de um outro cavalo para se encarnar. Então se evocará a alma do morto ou da morta, que aparecerá para dar seu consentimento. Assim, o culto se perpetuará... A procissão se desenrola na noite quente dos trópicos, ao som dos tambores, enquanto cantos nostálgicos se elevam na obscuridade, saudando o todo-poderoso deus do trovão.

Na manhã seguinte se dará a descida para a baixada onde os novos iniciados serão lavados na água do mar ou do rio para nela se despirem de sua antiga personalidade. A cerimônia é a mesma que do Brasil. A procissão desce, as gentes na fila, uns atrás dos outros, pois o caminho é estreito, com a orquestra atrás e Exu na frente, aquele que 'abre os caminhos'. Como no Brasil ainda. Na saída do banho, os iniciados abandonam suas velhas roupas para vestir roupas novas. Depois do retorno à aldeia, dança-se para Xangô na praça negra de tanta gente.

Essa dança segue a mesma seqüência ritual que aquela das grandes festas dos candomblés da Bahia, com a única diferença de que na Bahia todos os orixás são chamados, com o intento de fazê-los descer à terra, enquanto aqui são simplesmente saudados por alguns ritmos de tambor, e, visto que se trata de uma cerimônia para Xangô sozinho, se chamará apenas o deus do trovão. Numa primeira parte, há uma sucessão de danças em que os membros da confraria portam seus trajes ordinários, seus belos tecidos índigos ou amarelos, danças que iniciadas num ritmo lento vão se acelerando, permitindo as mais espontâneas façanhas coreográficas que possivelmente me foi dado ver em vida.



Depois, Xangô bruscamente se apoderou de um de seus cavalos. Então as danças param. O novo Xangô encarnado é conduzido ao interior da casa onde se reveste dos hábitos litúrgicos da divindade e, se esses hábitos são diferentes e mais ricos que os do Brasil, percebe-se que o ritual é exatamente o mesmo. Ele sairá outra vez da casa, exatamente como na Bahia, com o *oge*, o duplo machado simbólico do deus, para benzer a multidão ajoelhada, os tambores que dizem sua glória (pois os tambores *bata*, os únicos empregados nas cerimônias de Xangô, 'falam'). Esse Xangô ficará encarnado durante sete dias."

Bastide descreve uma outra cerimônia dos sacerdotes de Xangô, comparando com o mesmo ritual seguido na Bahia:

"A tarde da descida até a água é consagrada às danças nas quais toda a confraria de Xangô toma parte, enquanto o coro das cantoras, entre duas danças, profere os louvores da divindade. E aí está um traço distintivo do Brasil, a dança é separada do canto, uma e outra formam duas partes autônomas e que se alternam."

Uma cerimônia de caráter privado ocorre em seguida, como na Bahia:

"Enquanto nos recintos sagrados a cerimônia secreta se desenrola, a confraria de Xangô dança em volta do 'mistério'. À medida que as 'iaôs' descem na noite do êxtase, os tambores aceleram o ritmo e os dançarinos ou as dançarinas rodopiam numa ciranda cada vez mais alucinante. As 'iaôs', uma vez 'feitas', são levadas, o corpo ainda sacudido pelos espasmos divinos... Elas permanecerão por dezesseite dias, mesmo número que na Bahia, na 'floresta', quer dizer, um recinto fechado de paliçada e interdito aos profanos, que corresponde exatamente à 'camarinha' da Bahia.

Ao término desse tempo, elas reaprenderão os gestos da vida profana que esqueceram na noite do êxtase, adquirindo assim uma nova personalidade. É a cerimônia do 'panan' da Bahia. Ela se desenrola na África na mesma atmosfera de comédia e

alegria contagiosa que no Brasil. Os meninos fazem de conta que aprendem de seus 'padrinhos' de iniciação como cavar a terra, cortar os cachos de frutas trepando nas árvores com uma corda; as meninas simularão aprender, guiadas pelas suas 'madrinhas' de iniciação, como cozinhar, ir procurar legumes nos campos, vendê-los no mercado. Percebe-se que o Brasil segue muito de perto a velha tradição africana."

Bastide termina seu artigo com uma nota já nostálgica:

"Mas outros deveres me esperam em Paris, e eu não verei outra vez as 'iaôs' de Xangô, que me fizeram sonhar em pleno coração da África, e as suas irmãs que estão do outro lado do oceano."

ESTUDO SOCIOLÓGICO DOS MERCADOS NAGÔS DO BAIXO DAOMÉ

Estudamos com Bastide a questão dos Mercados nas regiões que percorremos juntamente e do papel importante desempenhado por esta instituição na vida das populações interessadas.

A lista de subtítulos desse artigo dá uma visão do caráter sociológico dessa pesquisa: "Estrutura dos Mercados", "A Rede dos Mercados", "Divisão Social e Redes Sociais", "Importância Social do Mercado", "Sociologia das Redes", "O Impacto da Estrada e da Industrialização", "O Tráfico Negro e o Sistema de Redes Nagô".

A ênfase é posta na parte da rede dos mercados sobre a influência da semana de quatro dias dos iorubas que determina a periodicidade e as ligações que dela resultam com a vida religiosa tradicional. Esse artigo salienta também que o mercado ioruba detém um papel de praça central na vida pública comparável à ágora dos gregos e ao fórum dos romanos.

O mercado sendo o lugar onde são transmitidas as notícias e onde se realiza a consagração de diversos eventos da vida privada e pública: nascimento, casamento, morte, retorno dos peregrinos que foram à mesquita, novos iniciados nos cultos dos orixás e voduns, etc...

O MISTÉRIO DOS BRONZES DE IFÉ E BENIN

Na ocasião de nossa passagem em Ifé e Lagos, Bastide fora sensível à serena beleza dos bronzes de Ifé e à estilização destes na cidade do Benin. Ele escrevera a esse respeito o texto de uma reportagem do mais alto interesse que permaneceu inédito, infelizmente, como diversos outros textos já referidos. Eis aqui um curto trecho:

“Não existe uma arte africana; existem artes africanas, que variam de uma região para outra do continente. Entretanto, há certamente, grosso modo, algumas coisas comuns a essas formas múltiplas de arte: é o triunfo do espírito sobre a matéria; da Expressão sobre a Semelhança, do Simbolismo sobre o Naturalismo. O que o artista negro se esforça por revelar, no ouro, no metal ou na madeira, é o que está além das aparências, é o acima do real.

Ora, em 1910, Leo Frobenius descobriu em Ilé Ifé, coração do país ioruba, uma cabeça que ele identificou com Olokun, mulher de Odudua e divindade do mar, mas que é mais provavelmente o busto de um Oni, quer dizer, de um rei de Ifé. Essa cabeça em bronze ou mais exatamente em cobre branco, obtida pelo procedimento conhecido com o nome de ‘cera perdida’ era, ao contrário de tudo o que se conhecia até então das artes africanas, de um naturalismo e de uma fineza de traços extraordinários. Essa cabeça maravilhosa, que se dizia ser obra de um escultor romano ou de um italiano da Renascença, colocava aos eruditos diversos problemas: de onde ela vinha? Seria ela obra de um artista europeu desgarrado no continente negro, ou de um africano de gênio? De quando data-ria?

Em 1939, as escavações traziam à luz do dia toda uma série de outras cabeças de bronze, tendo a mesma serenidade de expressão, a mesma fidelidade na cópia exata da natureza. Esses bustos são anteriores ao século XIV, visto que a arte do Benin é oriunda da arte de Ifé e que os portugueses descobriram a arte do Benin no sécu-

lo XIV, mas é impossível saber mais do que isso.

Percebe-se que, à medida que o tempo passa, a África expressionista e simbolista, a África que busca para além da aparência exterior das coisas uma realidade superior e estranha, faz sua revanche sobre o naturalismo de Ifé, estilizando os traços, alterando bruscamente as proporções das diversas partes do corpo.

A emotividade africana adquire, com efeito, no Benin, a supremacia sobre o intelectualismo refinado de Ifé.

Não somente se africaniza, mas, ainda, ela se democratiza: não são apenas os reis ou os nobres que aparecem nas placas dos palácios reais (infelizmente dispersos hoje por todos os museus da Europa), são soldados, tecelões, músicos, gente miúda.”

ABIDJAN - SÃO PAULO DA ÁFRICA OCIDENTAL FRANCESA

Bastide redigira um texto de reportagem sobre Abidjan, vizinha de Dakar, que mostra a diversidade de seu espírito.

Depois de uma análise da economia da região ele mostra igualmente que:

“O que lembra a história bem brasileira da locomotiva puxando sozinha todo o trem do Brasil, a Costa do Marfim é o único território da A.O.F. que possui uma balança comercial favorável, as exportações que se fazem não somente com a metrópole, mas com a Europa inteira e a América do Norte, ultrapassam 8 bilhões.”

Ele relata as riquezas agrícolas e o desenvolvimento da indústria:

“Nós poderíamos multiplicar as comparações entre Abidjan e São Paulo. A cidade cresce sem parar e este crescimento é tão rápido que coloca os mesmos problemas que em São Paulo, problemas de desenvolvimento da eletrificação, problemas de adução de água.”

Este conjunto de lembranças evocadas e de documentos encontrados procura mostrar “Roger Bastide e o Múltiplo na África”.